

A PERFORMANCE EM ESTUDOS ECOSSISTÊMICOS COM O MOVIMENTO MENINAS CRESPAS

Rebecca Rodrigues - Uergs[1]
Tatiana Cardoso da Silva - Uergs[2]

RESUMO: O projeto de pesquisa em andamento *A performance em estudos ecossistêmicos com o Movimento Meninas Crespas*, (PROBIP 2023-24 da Uergs) propõe o desenvolvimento de práticas artísticas e pedagógicas em dança e teatro junto ao Movimento Meninas Crespas (MMC), grupo de jovens estudantes da escola Lidovino Fanton, no bairro Restinga de Porto Alegre. Costurando as relações entre meio ambiente e as corporeidades em seus atravessamentos geográficos e sociais, a pesquisa desenvolve a noção de corpo ecossistêmico, buscando abordar a corporeidade em relação integrada entre meio ambiente e cultura. A metodologia é baseada pela prática, com encontros artístico pedagógicos junto ao grupo de estudantes e estudos teórico práticos com a equipe do projeto. O principal referencial teórico utilizado vem de: Leda Maria Martins, Tânia Pacheco e Luiz Rufino. Como resultados estima-se a criação de uma performance junto ao MMC com temas relacionados à ecologia e narrativas afro-brasileiras que será levada à público em teatro da capital, além da criação de um vídeo pedagógico sobre o trabalho desenvolvido e a produção de artigo científico.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Movimento Meninas Crespas. Corpo Ecossistêmico.

Apresentação

O destino da Semente da Terra
É criar raízes entre as estrelas.
Octávia Butler (2018)

A performance em estudos ecossistêmicos com o movimento Meninas Crespas é um projeto interligado às pesquisas realizadas junto à Rede Internacional de Estudos da Presença (REDE), da UFRGS, que atua desde de 2013 com pesquisadores e pesquisadoras de diferentes países e instituições de ensino do mundo e coordenada pelo Prof. Gilberto Icle. A Profa. Tatiana Cardoso da Silva do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Uergs e a Profa. Cibele Sastre, do

[1] Discente do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Uergs. Bolsista do projeto.
[2] Professora adjunta do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Uergs. Integrante da Rede Internacional de Estudos da Presença. Líder do Grupo de Pesquisa GESTA (CNPq). Diretora, atriz e pesquisadora.

curso de Dança da UFRGS participam da REDE através do Grupo de Pesquisa em Teatro e Educação, o GESTA. Este projeto firma, então, a intenção de vincular propostas artísticas e pedagógicas de forma interdisciplinar e interinstitucional.

Nosso objetivo maior é a proposição de atividades artístico pedagógicas junto ao Movimento Meninas Crespas (MMC), um importante movimento artístico e cultural que estuda, através da dança e de narrativas afrocentradas brasileiras, outras perspectivas de cultura, meio ambiente e corporalidades, sendo um elo para o fortalecimento das subjetividades negras. O processo se dá através do oferecimento de oficinas, acompanhamento e colaboração na criação de uma performance artística que será apresentada para o público em novembro deste ano.

O MMC é coordenado há oito anos pela professora e bailarina Perla Santos e tem como participantes as educandas do ensino fundamental da Escola Municipal Lidovino Fanton, no bairro Restinga, de Porto Alegre. A escola está localizada no bairro Restinga na Zona Sul de Porto Alegre sendo este bairro sobretudo um bairro majoritariamente negro. A escola atualmente abarca cerca novecentos e trinta estudantes, com trinta e cinco anos de atuação e desde 2015 recebe o projeto Meninas Crespas da Profª Perla Santos. O projeto funciona no contra período escolar, e tem cerca de quarenta estudantes.

A proposta deste projeto de pesquisa está relacionada ao atual campo de pesquisa da REDE tem como temática *Performance, Pobreza e Educação* e seu principal objetivo é verificar os impactos e as funções das práticas performativas na vida de pessoas pobres. A noção de pobreza abordada na REDE predispõe que:

> A pobreza é melhor compreendida, não como carência de bens, mas como carência de direitos. Se Sen estiver certo, a pobreza não é sobre os recursos como tal: trata-se de arranjos legais, sociais e políticos. Essa visão tem sido profundamente influente nas Nações Unidas, onde uma das visões centrais é que a pobreza está ligada à "carência de segurança básica", entendida em termos do direito das pessoas. (SPICKER, 2007, p. 5).

Mesmo considerando tal noção de pobreza, preciso pontuar aqui que considero delicado e inapropriado associar o termo de maneira tão próxima às proposições educacionais artísticas negras e periféricas, pois retomar estigmas raciais empobrece nossa perspectiva de fartura nos ecossistemas e cosmologias

que sustentam nossa vitalidade física e espiritual no totalitarismo neoliberal (CHAUÍ, 2019). Sob este sistema, *pobreza* enquanto carência de direitos (SPICKER, 2007) submete a maioria da população trabalhadora de maneira crônica em maior ou menor grau e sua intensificação é explicitamente relacionada à estrutura racista Brasileira. Pensamos assim, que o termo pobreza abre muitas questões a serem debatidas, mesmo percebendo que a Restinga, enquanto periferia, é um território que contém números expressivos de pessoas em vulnerabilidade social e que em um contexto de políticas públicas neoliberais são as primeiras a sentirem o impacto do racismo ambiental[3]. Por fim, *pobreza* provoca um endereçamento externo de pesquisa que não vincula o que se pretende no Projeto Meninas Crespas, sendo que a face do prisma que escolhemos ver é também determinada pelo lugar que ocupamos.

Interessa-nos sobretudo trabalhar na atuação deste projeto somando à perspectiva da escritora Leda Maria Martins, que na apresentação ao prêmio[4] que leva seu nome pontua que a arte, pela perspectiva ocidental, é muitas vezes exilada das nossas rotinas, sendo colocada como algo da ordem do extraordinário. Em uma perspectiva africana, a arte é parte da rotina do sujeito, é fundante das subjetividades e portanto, da sociedade em uma existência emancipatória. Assim, consideramos que entrecruzar a noção de corpo *ecossistêmico*, noção que pretendemos desenvolver nesta pesquisa, como um corpo poroso, em constante escuta e relação sensível com seu meio, se dá também em relação à *Educação* e à *Performance*. Sustentadas em seus vetores de território, tanto social, quanto racial e cultural entendemos essas práticas, da educação e da performance, inseparáveis no reconhecimento das abundantes produções artísticas que já acontecem e sustentam culturas de periferia e, portanto, fundam a cultura brasileira como um todo.

[3] Disponível em: http://www.justicaambiental.com.br/RacismoAmbiental. Acesso em: 14/09/2023.
[4] Prêmio Leda Maria Martins. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rhWtwH7SLZc Acesso em: 14/09/2023.

Contexto da prática

O rio é de Oxum, aiê êo
O lago é de Oxum, aiê êo (...)
Água da cachoeira, aiê êo
Força da cachoeira, aiê êo
Água cristalina, aiê êo, aiê êo Oxum, aiê êo
Águas de Oxum, aiê êo, aiê êo Oxum, aiê êo.
Coral filhos de Iemanjá[5]

Desenvolver e atuar em projetos que interseccionem a produção pedagógica entre instituições de ensino de diferentes níveis educacionais, enriquece e amplia o nosso repertório de atuação enquanto discentes e docentes. Na tríade que se forma para compor o projeto UERGS, UFRGS e a EMEF Lidovino Fanton fortalecem práticas em dança e performance por meio do protagonismo de narrativas afro diaspóricas, passando por *ìtãns* e relatos da filosofia *Yorubá* incorporadas nas religiões brasileiras. Essas narrativas contam sobre representações arquetípicas de divindades ou Orixás e a noção de divino relaciona-se diretamente com forças de elementos em suas formas de manifestação. A educadora Perla Santos prioriza narrativas que foquem em subjetividades negras femininas, como as *Yabás* ou Orixás, e por meio delas aborda temas sobre identidade, auto estima, estética e meio ambiente. Falar dessas Deusas é falar de natureza e considerá-la em nossa formação subjetiva é reconhecer o corpo como um elemento interdependente de seu meio, um corpo *ecossistêmico,* que redimensiona outras cosmovisões à noção de presença, um pilar importante ao tratar de performance.

Compor a noção de corpo com elementos essenciais à nossa vitalidade e à do planeta como rios, ventos, marés, pedra, fogo e mata nos coloca em simultaneidade com suas existências e instaura uma relação sagrada oposta ao utilitarismo neoliberal. Essas relações ecossistêmicas são práticas muito comuns em culturas indígenas, quilombolas, ribeirinhas e seringueiras que sustentam em suas comunidades uma postura menos degradante ao meio ambiente, ao mesmo tempo que são os primeiros grupos, juntamente às periferias das grandes cidades, a sofrer com o que Benjamin Franklin Chavis (*apud* Pacheco, 2008) aponta como

[5] Disponível em: https://www.letras.com.br/umbanda/aguas-de-oxum. Acesso em 14/09/2023.

racismo ambiental[6], suportando a exploração predatória do território, a contaminação da água, a degradação da floresta e a falta de políticas públicas que garantam a segurança pública dessas comunidades, e que estando distantes do poder econômico colonial são excluídas dos processos de participação política.

Trabalhar de modo sensorial, o corpo periférico e racializado através do trabalho performativo, produz de forma cinética outras imagens e significantes de suas narrativas, anunciando o corpo em como um lugar de inscrição no tempo, como grafa os gestos de Leda Maria Martins em *Performances da Oralitura (2003) e Performances do Tempo Espiralar (2021)*.

> Minha hipótese é de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafando gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performaticamente o recobrem. (MARTINS, 2003, p. 66).

Como todo território roubado, quando falamos de narrativas também estamos falando de disputa, e poder retomar através da cultura o protagonismo em sua espera criativa em relação social, podemos ativar o que Martins (2021) afirma enquanto *corpo-tela*

> Complexo, poroso, investido de múltiplos sentidos e disposições, esse corpo, física, expressiva e perceptivamente, é lugar e ambiente de inscrição de grafias de conhecimento, dispositivo e condutor, portal e teia de memória e de idiomas performáticos, emoldurados por uma engenhosa sintaxe de composições. (MARTINS, 2021, pg. 79).

Neste contexto, surge a questão: como transformar uma prática estética em uma ação antirracista em prol do meio ambiente? Tendo em vista a urgência em conhecermos outras epistemologias, sobretudo antirracistas e anticoloniais, abraçar o Movimento Meninas Crespas como campo de pesquisa em um projeto de Iniciação Científica é o transbordar da necessidade de mostrar para o mundo as mudanças que podemos fazer a partir de um trabalho feito coletivamente pelo bem comum.

[6] Disponível em: http://www.justicaambiental.com.br/RacismoAmbiental. Acesso em: 14/09/2023.

As propostas de ação deste projeto decorrem de metodologias guiadas pela Pesquisa performativa (Haseman, 2005) propondo que o próprio percurso da pesquisa guie as necessidades metodológicas e artísticas:

> Originalmente propostas por artistas/pesquisadores e pesquisadores na comunidade criativa, essas novas estratégias são conhecidas como prática criativa como pesquisa, performance como pesquisa, pesquisa através da prática, pesquisa de estúdio, prática como pesquisa ou pesquisa guiada-pela-prática. (HASEMAN, 2015, p. 43-44).

O projeto tem estratégias que incluem ações como: observação participante, escrita e partilha de diários de bordo com inspiração etnográfica, coleta de entrevistas com as integrantes do MMC, professoras e agentes da escola e análise de dados em constante trânsito entre prática, teoria e registros.

Questões teórico-práticas e artístico-pedagógicas serão abordadas a partir de referenciais da Educação e dos Estudos da Performance, em ambientes e comunidades cujos direitos das pessoas estão ameaçados pelos arranjos legais, sociais e políticos. Os estudos ecossistêmicos guiados pela prática em Dança e Teatro com o Movimento Meninas Crespas consideram a realidade e a vivência das jovens envolvidas ligadas ao acesso à água potável e às condições sanitárias legais como impulsos para o confronto constante entre as suas questões e objetivos de pesquisa e as relações e percursos do processo que acontecerá na prática.

Oficinas de dança e teatro são levadas ao MMC e a equipe de pesquisadores participa de forma colaborativa na criação e produção da performance final que será levada à público. O processo de criação teatral e coreográfica acontecerá de forma coletiva, na interlocução dos dois grupos, pesquisadores acadêmicos e MMC. A performance a ser criada com o Movimento Meninas Crespas visa articular temáticas relativas à nobreza negra de mulheres escravizadas vindas ao Brasil e às condições socioculturais das performers, especialmente as que informam sobre as questões de acesso à água potável e condições de escoamento cloacal em suas residências, comunidades, incluindo a comunidade escolar.

Faremos a criação de uma vídeoperformance através dos registros coletados do processo e levada à público em mídias digitais. Serão feitos registros áudio

visuais dos encontros artístico-pedagógicos, do processo de criação da performance, da vídeoperformance e suas apresentações. Espera-se com estes registros produzir um dossiê de campo, apresentando o percurso feito com o MMC para divulgar esta ação em outros espaços e instituições, esperando impulsionar outras pesquisas como esta.

O projeto se dará durante um ano, a partir do mês de agosto de 2023 com término previsto para julho de 2024, totalizando doze meses a serem desenvolvidas em nove fases. Propõe-se uma carga horária de trabalho de 80 hs por mês.

Resultados esperados

Exú matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.
Ditado Yorubá

Esperamos, com esta pesquisa, juntarmos esforços à afirmação de subjetividades negras, nos somando às suas próprias histórias e vozes. Queremos afirmar o protagonismo epistêmico negro na produção artística e pedagógica bem como a apropriação e valorização da identidade feminina negra em crianças do ensino fundamental, através da arte.

Junto com o Movimento Meninas Crespas, almejamos estimular o debate sobre questões que interseccionam a educação ambiental à educação para as relações étnico-raciais como temáticas urgentes na contemporaneidade. Juntamo-nos, paralelo à isso, ao esforço mundial de proteção e luta pelo acesso geral à água potável e minimização do racismo ambiental.

Como produção de práticas pedagógicas nos âmbitos do teatro, dança e performance em relação às narrativas que protagonizam epistemologias negras, esperamos promover o estímulo e o fortalecimento de outras pesquisas que tratem deste tema emergente. Pretendemos assim, colaborar na difusão de projetos que valorizem a produção de saberes em contextos periféricos femininos como o *Movimento Meninas Crespas*, promovendo sua continuidade e potencialização.

Além destes aspectos, como resultado, teremos como resultado a criação artística de uma performance e de uma vídeo-performance que serão levadas à

público e a publicação de artigo em revista, multiplicando o trabalho desenvolvido por este grupo de meninas e evocando a sensibilidade e espírito crítico através da Arte. Esperamos, por fim, contribuir com nossa área de atuação ao desenvolver e aprofundar o conceito de corpo ecossistêmico, este corpo performático que age aberto e em relação simbiótica com todos os seres vivos deste planeta, humanos e não humanos.

Referências:

BUTLER, Octávia. *A Parábola do Semeador*. São Paulo: Ed. Morro Branco, 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Neoliberalismo:* a nova forma do totalitarismo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003020824. Acesso em 14/09/2023.

MARTINS, Leda. *Performances da oralitura*: corpo, lugar da memória. Belo Horizonte: Cia Letras, 2003.

MARTINS, Leda. *Performances do tempo espiralar*: poéticas do corpo-tela. Belo Horizonte: Ed. Cobogó, 2021.

PACHECO, Tânia. *Desigualdade, injustiça ambiental e racismo:* uma luta que transcende a cor. I Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental – Niterói/RJ – 28 a 30/1/2005.

RUFINO, Luiz. *Pedagogias das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro : Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Perla da Silva dos. *Projeto Meninas Crespas - da África à Restinga: uma proposta de educação centrada pela dança.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/194010. Acesso em 14/09/2023.

SPICKER, Paul. *The Idea of Poverty*. Bristol: The Policy Press, 2007.